VII.

O vídeo como dispositivo na pesquisa in(ter) venção com juventudes

Deisimer Gorczevski[1]
Nair Iracema Silveira dos Santos[2]

Introdução

Problematizamos, neste texto —o vídeo como dispositivo na pesquisa— um exercício teórico-metodológico construído na pesquisa In(ter) venções Audiovisuais das Juventudes, em andamento desde 2011,[3] por um coletivo que articula experiências de estudos e intervenções realizadas com jovens, educadores, pesquisadores das áreas de comunicação, arte, psicologia social, educação e sociologia, em ações de pesquisa, extensão e ensino formal e não formal. A pesquisa envolve parceria entre universidades, organizações não governamentais, movimentos e coletivos juvenis, em Fortaleza e Porto Alegre.[4]

---

[1] Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes, nos Cursos de Graduação do Instituto de Cultura e Arte e pesquisadora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos-RS. Pesquisadora das in(ter)venções sonoras, visuais e audiovisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.

[2] Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Educação, Tutora do Grupo PET Conexões Políticas Públicas de Juventude/MEC/SESU.

[3] Blog da pesquisa em http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/

[4] A parceria envolve o Instituto de Cultura e Arte, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Projeto Lente Jovem da ONG CAMP —Centro de Educação Popular e do Fórum de Educação da Restinga e Extremo Sul— Feres, em Porto Alegre. Nas universidades realizamos parcerias entre o Grupo de Pesquisa Relação da Infância, Juventude e Mídia (Grim) na UFC e o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis na UFRGS.

A proposta da pesquisa é acompanhar processos de in(ter)vençõessonoras (rádio, música), visuais (grafite e fotografia) e audiovisual com juventudes em territórios de criação, produção e circulação, na perspectiva de cartografar como os jovens (e seus coletivos) experimentam o poder de intervir e inventar imagens e sonoridades de si e do mundo na configuração de práticas micropolíticas, em Fortaleza e Porto Alegre.

A ambiguidade imposta pelo parêntese incorporado à palavra intervenção sugere alguns aspectos de análise e remete a pensar nos seus múltiplos sentidos. Nesse estudo, compreende-se o termo in(ter) venção relacionado às práticas que buscam interferir em algo —aqui se define como territórios existenciais e modalidades audiovisuais— com o objetivo de perturbar seu desenvolvimento e, desse modo, reinventá-los.

Pesquisando temáticas que envolvem in(ter)venções audiovisuais, juventudes, movimentos de criação e resistência e políticas públicas nos perguntamos: Como construir estratégias metodológicas que propiciem conhecer o que é vivido nos territórios das juventudes e observar como esses desafios têm (ou não) sido enfrentados nas práticas de pesquisa, ensino e extensão. Consideramos algumas contribuições da pesquisa-intervenção, assim como aparecem nos estudos de Benevides e Passos (2000), Rosário (2008); Aguiar e Rocha (2003; 2007) e Passos, Kastrup e Escóssia (2009). Este método orienta a aproximação ao campo considerando que pesquisador e pesquisado se constituem ao mesmo tempo, no encontro de questionamentos do sentido da ação. O caráter de pesquisa acompanha a intervenção, pois esta só é possível a partir da construção de um campo conceitual que dê conta da complexidade da problemática que o contexto social nos apresenta.

Na proposta de pesquisa-intervenção, conforme a entendem autores do movimento institucionalista francês, a origem etimológica do termo «intervir» vem do latim «interventio» e significa «vir entre» (Ardoino: 1987). Neste sentido «intervir é criar dispositivos de análise coletiva»(Lourau: 1993), operar na desnaturalização das práticas, dos lugares constituídos, das relações saber-poder; no questionamento e desconstrução do que é tido como natural. No dizer de Foucault (2003), trata-se de acontecimentalizar as práticas, romper com as evidências sobre as quais estas se apoiam.

Na construção do projeto de estudos, agregamos à proposta da pesquisa in(ter)venção a perspectiva cartográfica, com base nos trabalhos de Gilles Deleuze e Félix Guattarie de autores brasileiros, citados acima. São trabalhos que oferecem suporte para tomarmos a cartografia como critério de experimentação,um plano de análise e uma ética na pesquisa. Nesse sentido, a perspectiva cartográfica referencia o diálogo com os jovens, as experiências audiovisuais e a construção de recortes analíticos. Cartografia aqui entendida como exercício de acompanhar processos, o que Deleuze (1992:48) propõe como «marcar caminhos e movimentos», analisando «as linhas, os espaços, os devires», que compõem uma pessoa, um coletivo, acontecimentos, um coletivo.

> Com efeito, há tipos de linhas muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmentos, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. Aquelas são as mais belas. Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama (Deleuze, 1992: 47).

A cartografia nos convoca à posição de escuta e acolhimento das forças, das tensões, dos movimentos, sobretudo das brechas que potencializam desvios de percurso em determinada experiência. E, assim, deve ser praticada, como o exercício de pesquisar com e não sobre algo (Kastrup, 2008). A cartografia vem sendo estudada, com mais intensidade, nas áreas de Psicologia e Educação e, nesse sentido, interessa mencionar as contribuições dos estudos de Lisiane Aguiar (2011) que analisa experiências com a cartografia como processo teórico-metodológico e «via alternativa em campos mais incomuns, como na Comunicação». Nas palavras de Aguiar (2011: 6) a pesquisa em comunicação demanda proposições teórico-metodológicas que, como a cartografia, ao acompanhar processos «se desvencilha de métodos rígidos que buscavam representar o objeto retirando-o de seu fluxo e separando-o do sujeito».

Entre os dispositivos e procedimentos inventamos e acompanhamos encontros, rodas de conversa, mostras audiovisuais, oficinas, bem como analisamos vídeos realizados no Titanzinho, em Fortaleza, e no Projeto Lente Jovem, nas ilhas, em Porto Alegre. Também acompanhamos as produções realizadas com jovens, estudantes e pesquisadores envolvidos na pesquisa In(ter)venções, vídeos considerados como disparadores de ideias e desejos.

O vídeo como dispositivo analisador

Um dispositivo aciona algo, faz funcionar uma máquina, mas em nossa experiência tentamos operar com uma noção ampliada. Apesar de estarmos em domínios diferentes, tomamos como referência a noção de dispositivo em Foucault (1981). Para este o dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito; um dispositivo também se define pelo tipo de relação que se estabelece entre os elementos heterogêneos, existe um jogo que pode levar a mudanças de posições, ou de funções, as conexões podem variar; um dispositivo é também um tipo de formação, que em um determinado momento histórico teve por função responder a uma urgência, isto é, tem uma função estratégica; um dispositivo produz efeitos que se atualizam, conforme as composições de forças.O que nos interessa nessa construção de Foucault é o dispositivo como efeito e como jogo estratégico, porque um vídeo pode se constituir analisador, sob diferentes arranjos processuais. Entendemos analisador, conforme propõem analistas institucionais (Barros; Brasil, 1992: 232) como tudo «aquilo que produz análise», pode ser um tema, uma cena, uma pessoa, um vídeo, um enunciado, uma festa, «acontecimentos que possam produzir rupturas nos modos naturalizados de lidar com o cotidiano».

> Eles funcionam como catalisadores de sentido, expõem o saber e o não saber de uma sociedade sobre si mesma e, poderíamos dizer, desnaturalizam o existente, suas condições, e, ao realizar análise, desestabilizam a cena natural de um cotidiano que nos parece estático (Aguiar; Rocha, 2007:656).

O vídeo coloca-se em nossa experiência de pesquisa como dispositivo analisador em três planos:

1. Possibilidade para diálogo com jovens e memória narrativa de suas experiências

No encontro com os jovens as experiências com as tecnologias audiovisuais apresentam novas configurações, sendo algumas muito próximas ao entendimento de Machado (2007:188). Na compreensão deste autor, o audiovisual procura uma linguagem própria, deixando de ser apenas um modo de registro, um recurso pedagógico ou de documentação «(...) para ser encarado como um sistema de expressão». Desse modo, o processo de produção de sentidos encontra um dispositivo com características da contemporaneidade, inovando através do que se poderia chamar de uma «linguagem de vídeo». Nesta perspectiva, o dispositivo audiovisual tende a ir além de uma visão pedagógica, instrumental ou ilustrativa (Gorczevski; Maraschin; Chassot, 2006).

Podemos invocar aqui o vídeo, desde esse lugar do «entre-linguagens», como intercessor nas experimentações das juventudes. Essa ideia de intercessores Deleuze (1992) expõe em Conversações, para dizer que sempre se trabalha em vários.Podem ser pessoas ou também coisas, reais ou imaginárias, relações que abram caminhos para o pensar (interferir, fazer ressonâncias). Passos e Barros (2000) referem que os intercessores operam como figuras híbridas, não podendo ser pensados fora da relação de interferência que se produz entre determinados domínios. Dialogar com jovens em tempos de mídias reinventadas com a mesma velocidade da lógica do consumo, nos convoca a outras aprendizagens, potencializadas na plasticidade da imagem audiovisual e dos territórios juvenis.

2. Como analisador na produção de análise com os jovens

O vídeo pode se configurar um bom analisador, desde sua criação, produção, edição e análise, assim como pode engendrar analisadores quando assistido e tomado como objeto de análise.Não há nenhum espontaneísmo nesse processo e nem mera reprodução de uma cena roteirizada, pois se entendemos o vídeo-dispositivo como uma rede de relações entre elementos heterogêneos, a matéria de expressão também será múltipla, mas para que se torne analisador vai depender do que acionar em determinado coletivo, convocando seus participantes a problematizarem a própria relação com a imagem, com a narrativa, com a problematização construída, com as escolhas no processo de criação e edição.

Ao fazer a filmagem das reuniões de um grupo de pesquisa, por exemplo, podemos retomar a narrativa audiovisual na íntegra ou um fragmento desta em encontro posterior, tal como um diário, possibilitando um espaço de restituição[5] sobre o processo de trabalho dos pesquisadores.

O processo de criação de um vídeo que narra determinada experiência —depoimentos de moradores de uma comunidade, ou produção de memórias de um coletivo— pode gerar questões analisadoras no percurso de elaboração, ou posteriormente, quando tomado como pro-

[5] Restituição é um conceito operador da análise institucional e, conforme Lorau (1993:64), diferente da tradicional «devolução», consiste na «análise coletiva da situação presente, no presente —em função das diversas implicações de cada um com e na situação».

duto de tais coletivos, visibilizando elementos históricos, posições dos participantes, as relações destes com a própria história contada, com os acontecimentos e instituições presentes. O mesmo vídeo pode gerar outros analisadores quando assistido por um coletivo que o produziu ou por outros coletivos que tenham ou não relação com a temática proposta.

3. *Espaço-tempo de criação de novos territórios juvenis*

Inspirando-se na noção proposta por Guattari e Rolnik (1986), o território diz respeito tanto ao espaço vivido quanto ao modo como os sujeitos circulam, se inserem,e criam estratégias de relações e de vida nos tempos e espaços sociais, culturais, estéticos e afetivos. As experimentações audiovisuais, sejam nos movimentos sociais, em comunidades, em coletivos de jovens, podem operar na desterritorialização e composição de novos territórios. Tal como no processo de escritura e leitura, um vídeo tem certa condição de inacabamento, potencializa o pensamento, provoca tensões, força diferentes visibilidades, desloca posições, possibilita arranjos e composições, produz efeitos e novos sentidos, produz subjetividades. Nas experiências com jovens, nos parece que tais processos se intensificam, por várias condições nos modos de ser jovem: abertura para criação, facilidade e agilidade na relação com tecnologias, curiosidade e inquietação, posições críticas na relação com o mundo.

Estes três planos do vídeo-dispositivo coexistem nas experimentações audiovisuais das juventudes, com as quais tivemos contato na pesquisa aqui considerada, tanto na composição de territórios juvenis, quanto no processo de pesquisar e inventar. Tal composição pode ser visibilizada em alguns fragmentos narrativos de nossas experimentações audiovisuais com juventudes em Porto Alegre e Fortaleza.

Experiências com o vídeo na pesquisa In(ter) venções Audio-visuais das Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza

Nesse estudo, apresentamos algumas narrativas pontuais de experiências com o vídeo iniciando com os exercícios de análise das produções-produtos audiovisuais realizadas no Projeto Lente Jovem, em Porto Alegre e dos vídeos produzidos no Titanzinho, em Fortaleza.

O Titanzinho é uma comunidade à beira da praia no bairro Serviluz, em Fortaleza, escolhida como território de pesquisa-intervenção com jovens comunicadores, ativistas e artistas em distintas linguagens de ex-

pressão (rádio, fotografia, vídeo, fanzine, grafite, entre outros) e estudantes que vivem no bairro e atuam na Associação de Moradores onde compartilhamos intervenções sonoras, visuais e audiovisuais.

O projeto Lente Jovem envolve a criação e produção audiovisual e, em sua terceira edição, enfatizou a temática «Olhares jovens para o Arquipélago» provocando pensar, com imagens e sonoridades, o cotidiano dos que vivem nas Ilhas, na região do Arquipélago, na cidade de Porto Alegre. Desde a sua geografia, o bairro apresenta especificidades e complexidades que demandam políticas com intervenções diferenciadas dos demais bairros da capital. O Arquipélago é constituído por dezesseis Ilhas e, entre as mais conhecidas encontramos a Grande dos Marinheiros, a do Pavão, a Pintada, a das Flores, a da Pólvora e a Mauá, que fazem parte da décima sétima região do Orçamento Participativo[6].

Lente Jovem e Associação dos Moradores do Titanzinho foram os territórios geográficos, políticos e existenciais escolhidos, justo por afetarem e contagiarem a todos participantes da pesquisa, desde os primeiros exercícios de cartografia da Pesquisa In(ter)venções, em Fortaleza e Porto Alegre. Nas palavras de Escóssia e Tedesco, (2009: 100) «é do encontro, do contágio recíproco ali operado entre as diferenças puras, constituintes do plano coletivo de forças, ou coletivo transindividual, que as novas formas ganham realidade».

Em seguida, faremos alguns apontamentos de experiências com produções audiovisuais apresentadas nas Rodas de Conversa. O terceiro exercício se volta para acriação, edição e escolha de cenas analisadoras —uma conferência livre de juventudes e, finalizamos trazendo fragmentos de criações e produções audiovisuais produzidas pelos pesquisadores implicados[7] com a Pesquisa In(ter)venções.

[6] O Orçamento Participativo consiste em um processo onde a população decide sobre as prioridades de obras da prefeitura do município. Esse processo envolve rodadas de assembleias regionais intercaladas por rodadas de assembleias em âmbito local. Em uma segunda fase, dá-se a instalação do Conselho do Orçamento Participativo, um órgão de conselheiros representantes das prioridades orçamentárias decididas nas assembleias regionais e locais. A confecção administrativa do orçamento ocorre no Gabinete de Planejamento da Prefeitura, órgão ligado ao Gabinete do Prefeito.

[7] Implicação, outro conceito operador da análise institucional, que, ao contrário de envolvimento, diz respeito aos nossos vínculos com as instituições, com as práticas constituídas, as posições assumidas nos diferentes espaços e acontecimentos em que participamos.

1. O exercício de análise das produções-produtos audiovisuais dos jovens

Na pesquisa, priorizamos análises de experiências com jovens que atuam na Associação de Moradores do Titanzinho, em Fortaleza, e aqueles que participam no Projeto Lente Jovem, nas ilhas, em Porto Alegre. Nesse percurso, foram mapeados distintos processos de criação, produção e circulação de produtos sonoros, visuais e audiovisuais, modos de conviver e fazer a gestão de projetos e ações, bem como construir alianças com movimentos e organizações sociais e culturais.

1.1. Mostra Audiovisual e criação do Coletivo audiovisual do Titanzinho

O estudo «O que podem as in(ter)venções audiovisuais das juventudes? Mobilizar afetos, fazeres e saberes científicos-comunitários»(Gorczevski; Gomes; Soares e Abreu. 2012), priorizou a análise dos processos de criação e intervenção audiovisual, em territórios científicos e comunitários. No processo da escrita, percebemos, primeiramente, as aproximações entre jovens universitários e produtores e realizadores audiovisuais participantes de projetos sociais e culturais em Associações Comunitárias, ONGs e coletivos autônomos.

Na pesquisa, constatamos que o cotidiano de alguns desses jovens vem provocando transformações produzidas nas combinações de alguns aspectos: experiências universitárias, comunitárias, comunicacionais e artísticas. O percurso feito por eles, não obedece a uma lógica, constituindo-se de múltiplos aspectos que acabam interferindonos processos de conhecimento de si e do mundo. (Gorczevski, Gomes, Soares e Abreu, 2012: 13).

> Eu começo a participar das atividades da Associação, quando eu ainda tava na graduação. Muitas pessoas que estavam na academia, principalmente o pessoal do curso de História, começaram a pesquisar sobre a história do seu bairro e eu me senti instigado a conhecer o meu, porque eu morava lá desde criança, mas não conhecia como havia acontecido todo o processo do bairro, então eu começo a pesquisar durante a graduação, continuo com a pesquisa no mestrado e doutorado, mas é a partir desse início que eu passo a estabelecer uma ligação maior com esse espaço e com as histórias desse lugar. É bacana ver que muitas coisas boas acontecem no lugar, o surfe, o audiovisual, a própria fotografia, são coisas que tão vindo com muita força, pelo menos é que o que gente tem percebido (André, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, abril de 2012).

Na análise das narrativas dos jovens e ao longo da pesquisa, constata-se a relevância dos intercessores que operam para mobilizar experiências e alianças entre e com jovens. André, em sua fala, enfatiza o desejo de pesquisar sobre sua história de vida, sobre a história do bairro, após ingressar na universidade. Fabiola, que também seguiu o mesmo caminho de André, ingressando na universidade, formada no curso de Letras, na UECE e, atualmente, estudante no curso de cinema na UFC —afirma que sua participação em projetos de extensão mobilizou o desejo de conhecer o seu próprio bairro. Comenta que, até o momento, o considerava como um lugar de passagem. E, com a experiência na extensão universitária ela começou a sentir e construir imagens de si e do entorno. Imagens estas que causam efeitos e relações com o outro, que vão além do contato físico, perpassando o sensível, desejos e prazeres. Nas palavras de Fabiola:

> Na Associação dos Moradores do Titanzinho, os jovens vivem a experiência de apoiar as ideias uns dos outros e trabalhar para que elas aconteçam ao mesmo tempo em que tentam manter alianças antigas com outras instituições para efetivar a vivência dessas ideias, buscam também novas alianças que visam agregar mais jovens e amigos aos movimentos comunitários e culturais, de forma autêntica e inovadora. Essas experiências podem ser observadas no processo de criação e realização da Mostra Audiovisual do Titanzinho (Fragmento da escrita de Maria Fabiola Gomes, no artigo em co-autoria. Gorczevski *et al.*, 2012: 9-10).]

Entre as intervenções audiovisuais realizadas, ao longo da pesquisa, convoca a nossa atenção, o processo de preparação e realização da Mostra Audiovisual, realizada em dezembro de 2011. A proposta da Mostra surge num dos primeiros encontros do coletivo da pesquisa In(ter) venções, mais precisamente, na apresentação do Titanzinho. Fabíola, moradora do bairro e bolsista de Iniciação Cientifica (2011-2012) na pesquisa, apresenta sua experiência com a Associação dos Moradores do Titanzinho. Essa apresentação faz disparar a memória e todos participantes do coletivo de pesquisa querem contar o que conhecem. São muitas as experiências narradas e a cada relato novos materiais de expressão são mapeados —oficinas de rádio, fanzine,[8] fotografia, vídeos, trabalhos acadêmicos, entre outros.

[8] Publicação alternativa, fora dos padrões convencionais, dedicada a assuntos de música popular.

A conversa, iniciada no encontro do coletivo, é ainda mais instigada com as pesquisas na internet, mais precisamente, nos sites de vídeos. E, por conta da multiplicidade de produções-produtos audiovisuais encontrados, surge a proposta de realizarmos a Mostra Audiovisual do Titanzinho. Além de cartografar os vídeos, passamos a organizar, com os jovens da Associação, ideias de fazer circular tais produções com o objetivo dos moradores conhecerem o que se produz no/sobre o Titanzinho. Alguns se envolveram na curadoria dos vídeos e outros na produção cultural da Mostra. Foram selecionados dez vídeos e as apresentações aconteceram ao ar livre, em frente ao mar, com a projeção dos filmes em uma tela, na ruado Quebra-mar, no Titanzinho, em Fortaleza.

Com a realização da Mostra alguns jovens foram retomando o gosto e as experiências em criação, produção e edição em vídeo. Nesse processo, observamos a força das imagens de si e do bairro provocando desejos, inclusive, ressurgindo algumas propostas antigas como a criação de um Cine Clube, na Associação dos Moradores.

O Coletivo Audiovisual do Titanzinho, formado em período simultâneo ao início dos mutirões, intervenção que será apresentada, posteriormente, vem assumindo a proposta de criar um Cine Clube, bem como encontrar meios para a produção audiovisual local, entendendo-a como possibilidade de inventar outros modos de visibilizar o bairro e seus moradores, considerando a promoção da expressão artística e política de suas singularidades. Sendo assim, através de uma compra colaborativa, o Coletivo conta com uma filmadora, além de um projetor herdado de um projeto já ocorrido na Associação. Atualmente, segue na realização de três produções audiovisuais, uma que apresenta entrevistas com moradores da comunidade, ameaçados de remoção devido ao projeto Aldeia da Praia, que, gerando controvérsias, segundo a prefeitura, pretende realizar obras para melhoria de infraestrutura urbana e de habitação populacional nas comunidades do Serviluz e Titanzinho, outra que exibe as experiências de Pedro Fernandes, membro do coletivo, em uma viagem passando por diversos países, durante nove meses; outra que exibe; e, por fim, uma roteirizada pelo participante Gerardo, de temática ainda desconhecida. (Santos; Gorczevski, 2013).

São experiências que compõem trajetórias de jovens moradores e estudantes, os quais se fazem intercessores de outras experiências com jovens na comunidade. Ao participarem na Associação de Moradores e na universidade outras posições e modos de olhar, escutar, vão se constituir e compor relações estabelecidas entre a universidade e as comunidades. Mapear e analisar os vídeos, organizar a Mostra, assistir com públicos

diferentes no Titanzinho, permitiu a criação de analisadores sobre a relação jovens-comunidade, universidade-comunidade, sobre a história do bairro, sobre a relação da comunidade com o poder econômico, com o poder público, desde as ocupações do território às ameaças de remoções e reassentamento.

> Depois que eu entrei na Aldeia, eu passei a olhar o bairro e o próprio audiovisual de uma forma diferente, hoje eu tenho uma visão mais crítica de tudo o que acontece, e isso só aconteceu depois da Aldeia (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

> Pra o pessoal da comunidade é muito importante essa questão da visibilidade. Pra eles, é importante, e mais ainda, que os vizinhos, os amigos, os familiares vejam essas produções. Acho que cada vez que eles veem essas exibições, ficam se indagando, principalmente de como vivem, do que podem fazer pelo lugar (Fabiola, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em abril de 2012).

As narrativas dos jovens atualizam o debate e a relevância das experiências com o audiovisual e o papel de ONGs e Associações de Moradores em ampliar as possibilidades criativas e inventivas dos que vivem em comunidades periféricas, aponta também como esses jovens acabam se aproximando dos coletivos e organizações sociais e culturais locais e, ao mesmo tempo, compondo seus territórios, além de como esses novos multiversos são capazes de fazer pensar as relações com os territórios habitados.

1.2. Projeto Lente Jovem e alianças com o Levante da Juventude

O estudo «Imagens e sonoridades de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas» de Gorczevski e Soares (2012)apresenta um exercício de análise da experiência do Lente Jovem e, nesse trabalho, retomaremos alguns aspectos, a seguir.

Na experiência com o Projeto Lente Jovem,[9] coordenado pela ONG CAMP —Centro de Educação Popular—, jovens exercitam a lingua-

[9] O projeto, criado por Mauricio Farias, Beatriz Hellwig e Álvaro Benevonuto tem na coordenação as educadoras Beatriz Gonçalves Pereira, que também coordena o projeto Arquipélago —Território de Direitos e Daniela Oliveira Tolfo.

gem audiovisual criando e produzindo imagens e sonoridades de si e das ilhas,[10] inclusive, na última edição, um vídeo problematizando o filme «Ilha das Flores», dirigido por Jorge Furtado, agora, como nomeiam, «Ilha das Flores —ponto de vista dos ilhéus».[11]

Na pesquisa acompanhamos praticamente todos os momentos, embora pontualmente, participando de encontros, gravando oficinas, acompanhando os debates dos temas escolhidos para os roteiros, convidando os jovens e educadores a participarem de rodas de conversa do coletivo de pesquisa. E, ainda, com as entrevistas-conversas realizadas com educadores e jovens participantes do projeto.[12]

O projeto Lente Jovem propõe aos jovens um curso de vídeo com encontros, oficinas e estágio de captação de imagens e edição, durante doze meses. Os encontros acontecem mesclando exposições, análises críticas e debates em temas como: história do cinema, da televisão e questões relacionadas às juventudes. As oficinas temáticas envolvem experiências com musicalização, improvisação, operação de equipamentos de filmagens, enquadramentos, movimentos de câmera e trabalho de campo para a produção dos vídeos (elaboração de roteiro, filmagem e edição). Também acontecem Oficinas Técnicas, tais como: Técnicas da imagem —produção audiovisual, técnicas de roteiro: o que é um roteiro? Técnicas simples para elaboração— Edição: o que é edição? Técnicas e reflexão sobre a estética da edição. E, por último, os jovens realizam estágio com orientação e apoio à captação de imagens e edição.

Na experiência do Lente Jovem observamos os modos de construir alianças como sinalizadores da autonomia dos grupos, gerando laços que impulsionam a novas ações. É o que ocorre no encontro dos participantes do Projeto Lente Jovem, com o Levante Popular da Juventude, que estabeleceram parcerias e a interseção entre suas propostas, criando projetos conjuntos de intervenção urbana e produção de vídeos, como, por exemplo, o chamado Levante Popular da Juventude Internacional.[13]

[10] Na 3ª edição, os jovens produziram, com a assessoria dos educadores Leonardo Dorneles-musicalização, Hopi Chapman e Alberto Souza (Beto), criação e produção audiovisual —captação de imagens, roteiro e edição— cinco vídeos: Semana das Ilhas 2011; Os carroceiros II, Drogas; Ilha das Flores —ponto de vista dos ilhéus e Levante Popular da Juventude.

[11] Diponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kBEnS2GJQH8>

[12] Inclusive, entrevistando um de seus criadores, o antropólogo Mauricio Farias.

[13] Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ff2UXuTmfoU>

Uma intervenção urbana —filmada, fotografada e editada, posteriormente— se apresenta também como intervenção audiovisual criada e produzida por jovens que participam da terceira edição do projeto Lente Jovem. No vídeo, o Levante é apresentado na voz de um narrador que informa: «O Levante Popular da Juventude foi fundado em 2005 e, hoje, o trabalho no movimento está percorrendo mais estados do Brasil». Em seguida, alguns jovens falam de suas experiências com o Levante e, em especial, nos interessou trazer a singularidade expressa na fala de Vanessa Sezar, jovem participante do Lente Jovem:

> No Levante, eu gosto a... asamiza... das amizades que eu fiz, do que... Através do Levante, tu conhece várias pessoas, de vários lugares, experiências novas, assim, muitas atividades legais que eles fazem, por exemplo, lá na Ilha, eles vão lá e ajuntam os jovens, fazem muralismo (...) da maneira que a gente vive, assim, que tem que ver o lado do outro, entendeu?! Que a gente vive num mundinho e... e ele abre assim... quer dizer, abre pros lados, assim.

Entre outros acasos, na trajetória da pesquisa, chamou à atenção a presença de jovens que participam do Levante da Juventude tanto nas Ilhas como na Universidade. Encontros de jovens, ou ainda, como explica Vanessa «células de convivência» entre jovens estudantes moradores das Ilhas e ativistas universitários. Na entrevista-conversa, realizada com Vanessa, percebemos a ênfase dada à atuação do Levante como possível e desejada continuidade das intervenções juvenis:«A terceira edição do Lente Jovem vai finalizar, mas o Levante continua».

2. O exercício de análise das produções audiovisuais apresentadas nas Rodas de Conversa

Na experiência de pesquisa definimos as Rodas de Conversa como um dos procedimentos articuladores para análise do processo de pesquisar, para construção e análise de dados, para estudos compartilhados também com outros pesquisadores e grupos de pesquisa. Entendemos as Rodas de Conversa como espaços de criação e intercessão entre o coletivo de pesquisa e nossos convidados – pesquisadores, profissionais, coordenadores de projetos comunicacionais e artísticos, jovens produtores audiovisuais, artistas/ativistas autônomos ou que atuem em organizações sociais e culturais, associações comunitárias e outras instituições.

Nas rodas propomos conversar sobre as processualidades da pesquisa-intervenção com as juventudes, suas experiências de intervir e inventar em audiovisual, bem como a análise crítica das produções e outros materiais de expressão.

Ao longo da pesquisa, as rodas de conversa foram se constituindo dispositivos de análise e in(ter)venção, dialogando sobre diferentes abordagens e apropriações do audiovisual; sobre temas propostos cuja análise se processava tendo produções em vídeo como analisadores (por exemplo, a questão da ditadura e políticas de resistência).

Nesse texto, traremos alguns fragmentos da análise produzida em outro trabalho (Gorczevski, Soares, Santos e Gomes, 2012), priorizando a participação do Coletivo Aparecidos Políticos na sexta roda de conversa, em Fortaleza, em maio de 2012.

O ColetivoAparecidos Políticos realiza intervenções urbanas e audiovisuais, em parceria com movimentos sociais, organizações e coletivos artísticos —como o Curto Circuito— com duas linhas de atuação: «o primeiro refere-se aos questionamentos a respeito da ausência de uma justiça de transição no Brasil desde o período de Ditadura civil-militar (1964-1985)» e, um segundo, «advindo dessa ausência de justiça: a falta de democracia nos meios de comunicação». Essas linhas de atuação foram apresentadas e problematizadas na roda de conversa com a presença dos artistas-ativistas Marcos Vinicius, Ton Almeida e Alexandre Mourão.

Um dos exercícios, e que também pode ser observado como estratégia de tornar as ações mais conhecidas em outro âmbito, é a filmagem dessas intervenções. Nesse texto, priorizamos as singularidade das intervenções urbanas e audiovisuais realizadas nas ruas e prédios na cidade de Fortaleza, em especial, a montagem do vídeo «O que resta da ditadura?» e o Rebatismo, entre outros trabalhos projetados nas paredes do prédio dos cursos de Comunicação e História, na UFC, durante a roda de conversa.

No vídeo «O que resta da ditadura?» o Coletivo Aparecidos Políticos apresenta imagens das intervenções nas ruas, paredes e muros da cidade e, em alguns planos, a expressão dos transeuntes. Colagem de cartazes com fotografia dos rostos de desaparecidos políticos, um jovem com mãos amarradas e seu rosto com olhos vendados, outro com o rosto enrolado em um pano branco, escrituras-pinturas dos nomes dos desaparecidos em paredes e muros, performances que provocam a pensar cenas da tortura, modos de fazer intervir o direito à memória e à luta por justiça, em nosso país. E, quem sabe, tomar as palavras de Eclea

Bosi para quem «[...] a memória grupal é feita de memórias individuais» (1994:419).

Na montagem, a performance ganha ritmo misturando as sonoridades captadas nas ruas com a produzida por silêncios e músicas que passam a compor a cena política-estética-poética da intervenção audiovisual. Nesse vídeo, é apresentado ainda o que os jovens propõem como rebatismo. Imagens da entrada do Centro de Cidadania em Fortaleza onde a câmera capta, em plano aberto, o nome do ditador Presidente Médici em cor vermelha, sendo pintado-apagado com tinta branca e, em seguida, a escritura-pintura do nome de Edson Luís, um dos desaparecidos políticos homenageados, nesse rebatismo.

Observar as imagens das pessoas encapuzadas com um pano branco ou seminuas, vendadas, sentadas e amarradas a uma cadeira, enquanto outros participantes do movimento colam fotos dos rostos dos desaparecidos políticos e escrevem seus nomes nos muros da cidade, causa, de fato, incômodo, desconforto e, até mesmo, certo mal-estar. Sendo assim, a ação torna-se forte e efetiva, pois, mais do que descrever um momento político e ações políticas condenáveis, chama atenção por fazer sentir e, de alguma forma, intensa ou superficial, atinge e desencadeia pensamento e indignação. Imagens que nos remetem às contribuições de Deleuze e Guattari (1996: 29) para pensar, inclusive, as implicações, afinal, «O rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente».

O Rebatismo é um dos pontos mais fortes do movimento, uma vez que a intervenção dos jovens busca retomar questões, por vezes esquecidas pela população, que chamam a atenção, inclusive, de pessoas que não ligam ou mesmo não conhecem a trajetória dos ditadores, cujos nomes estão em espaços urbanos da atualidade brasileira. A mudança, portanto, e o novo diálogo com as estruturas de concreto trazem curiosidade e impulsionam à informação, ao querer saber. Além disso, é interessante ver a inversão do foco da história, ao tirar-se a homenagem de alguém que é símbolo da repressão e transferi-la para um estudante, ativista político.

3. Da criação, edição e escolha de cenas analisadoras —uma conferência livre de juventude

Em 2011, um grupo de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculados ao Programa de Educação Tutorial do Mi-

nistério da Educação e também participantes da pesquisa nesse período, envolveu-se na organização de uma conferência livre, no contexto de etapas preparatórias para a II Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Uma conferência livre precede as etapas regionais e a nacional e pode ser organizada por qualquer coletivo, desde que contemple um público mínimo e considere os eixos organizadores propostos no texto de referência. A conferência livre aconteceu em uma tarde e contemplou momentos de familiarização dos participantes, apresentação dos eixos da conferência nacional, escolha do eixo priorizado para discussão, debate em pequenos grupos, relatos e construção de propostas de emendas para o eixo da participação, o qual foi escolhido como foco da conferência livre. Participaram estudantes da universidade e de escolas públicas de três regiões de Porto Alegre. Todas as etapas desta foram gravadas em áudio e vídeo, posteriormente editadas por uma comissão do grupo organizador.

O efeito analisador desta produção contemplou principalmente o grupo que organizara a conferência, pois todo o processo de escolha de imagens, os recortes realizados na edição, a análise do vídeo editado, gerou discussões sobre processos de participação e autoria nas experiências do grupo —participantes de uma política pública— em espaços da universidade, nos espaços públicos, na formulação e controle das políticas públicas direcionadas às juventudes.

Nesta experiência de 2011 a gravação das atividades foi realizada por dois estudantes do PET e a câmera circulou pouco entre os demais participantes, diferente de outra experiência que tivemos em 2008, quando realizamos outra conferência livre de juventude, mas esta tendo um processo de mais tempo de preparação e envolvendo estudantes de um núcleo do ProJovem Urbano, modalidade do Programa Nacional de Inclusão de Jovens. Neste caso, dois vídeos produzidos permitiram a criação de analisadores da relação dos jovens com o curso que faziam, com o mundo do trabalho, tendo maior abrangência de autoria das turmas envolvidas em todo o processo, contemplando momentos de familiarização com a câmera, planejamento de saídas de campo para entrevistas, gravações, edições, análise e escolha de edições para compartilharem em encontros de estudantes e educadores do núcleo.

Em ambas as experiências, podemos identificar questões analisadoras que têm certa proximidade e que dizem algo dos modos de subjetivação em que se inserem estudantes inscritos em políticas públicas de inclusão —seja na universidade ou num programa de inclusão de jovens. Em ambas, os jovens participantes tencionam o lugar que ocupam, as

prescrições e regulações a que estão submetidos como sujeitos de uma política pública. Nesse sentido, a relação estabelecida com a experiência de inventar e compor com audiovisual permitiu aos jovens e educadores alguns deslocamentos, sobretudo ao enunciarem e problematizarem lugares naturalizados no cotidiano de suas experiências de formação.

4. As criações e produções audiovisuais produzidas pelos pesquisadores envolvidos com a pesquisa In(ter)venções

Nesse estudo, apresentamos a experiência com a criação de dois vídeos que emergem como composições de diários audiovisuais. O primeiro, realizado durante os encontros de Mutirão, na Associação dos Moradores do Titanzinho, durante os meses de outubro de 2012 e maio de 2013. E o segundo, realizado com filmagens de fragmentos de Rodas de Conversas e Encontros de Pesquisa, entre os meses de julho de 2011 e junho de 2012, em Porto Alegre.

4.1. Mutirão —Multitudo—

Um vídeo composto por pequenos gestos e fragmentos de imagens e sonoridades presentes nos diários-audiovisuais de Sabrina Soares, mestranda no Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Sociedade na UECE e Deisimer Gorczevski, a partir dos encontros de Mutirão realizados, na Associação dos Moradores do Titanzinho, em Fortaleza[14].

Os encontros de Mutirão mobilizaram a participação de moradores, estudantes, pesquisadores e colaboradores na organização e limpeza de livros que foram doados e se encontravam empoeirados e amontoados em algumas salas da Associação dos Moradores do Titanzinho, bem como para a pintura das paredes, entre outras ações, a fim de melhorar as condições físicas do local e revitalizar as atividades sociais, comunicacionais, artísticas etc., contribuir para a auto-organização e a consti-

[14] O vídeo foi apresentado no Sarau do Laboratório de Imagem Criação e Subjetividade-LICS, no PPG em Psicologia Social da UFRGS, realizado em abril de 2013, em Porto Alegre e no Encontro entre Pesquisas, realizado em junho de 2013, em Fortaleza com o objetivo de problematizar os exercícios com diários audiovisuais e a proposição de cartografias audiovisuais na pesquisa In(ter)venções.

e tuição do lugar de autoria na produção de realidades, criar espaços de convivência que possibilitem a emergência de saberes compartilhados em uma contínua rede de conversações. (Santos e Gorczevski, 2013)

As escritas de um diário de campo ou caderno de anotações são exercícios conhecidos nas práticas de etnógrafos, funcionando, muitas vezes, como elemento de catarse ao observador potencializando fazeres e saberes propostos por Winkin (1998: 132) como uma arte de «saber ver, saber estar e saber escrever». Também a cartografia sugere exercícios com diários de campo, ou ainda, diários de bordo, em se tratando de compor mapas. Nas palavras de Barros e Kastrup (2009: 69-70), os cadernos com «anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiên-
o cia de campo em conhecimento e modos de fazer».

Ao propor pesquisar intervenções sonoras, visuais e audiovisuais o estudo passou a demandar outros modos de escutar, observar e analisar processos de criação e produção de conhecimento-subjetividade considerando, em especial, as contribuições das tecnologias audiovisuais como dispositivos de pesquisa-intervenção. Nessa perspectiva, foram realizadas algumas experiências com o que denominamos – diários audiovisuais.

Os diários audiovisuais são pequenos gestos e fragmentos de imagens e sonoridades que tomam nossa atenção, no cotidiano da pesquisa, em circunstâncias das mais diversas, desde as passagens pelas ruas, esquinas e os encontros com a imensidão do mar, as oficinas, e as intervenções visuais e audiovisuais, em especial, os mutirões, na Associação dos Moradores, no Titanzinho, em Fortaleza.

O processo de edição das imagens e sonoridades do vídeo Mutirão--Multitudo teve como referência os estudos e experiências com as colagens aos moldes do *Sampler.*[15] Nessa perspectiva, as imagens são compostas partindo de fontes das mais variadas: elementos da fotografia, do cinema, textos em diferentes caracteres e outros elementos gerados em computadores. Sem esquecer-se dos componentes sonoros, sem os quais não se estaria falando de atualidade nas linguagens e suportes audiovisuais. Presentes desde um registro bruto —diário audiovisual— ou processado —vide as experiências imagéticas, radiofônicas e a produção

[15] Dispositivo eletrônico dotado de memória para os sons selecionados, amplamente utilizado pelos *rappers*. Normalmente é acoplado a um *mixer*, o que permite realizar colagens de sons pré-gravados durante a execução de uma música pelo DJ ou inseri-las no processo de mixagem de uma música.

musical— as imagens e sons passam a contar com sínteses produzidas em computador, bem como as transformações propostas pela linguagem do sampler.

Nas palavras de Machado (1997: 190)

> O discurso videográfico é impuro por natureza, ele reprocessa formas de expressão colocadas em circulação por outros meios, atribuindo-lhes novos valores, e a sua 'especificidade', se houver, está sobretudo na solução peculiar que ele dá ao problema da síntese de todas essas contribuições.

No exercício de montagem do vídeo, ao percorrer as imagens e sonoridades filmadas em diferentes encontros de mutirão constatamos a emergência do sentido de partilha entre os participantes, principalmente, de afetos e amizades que nos forçam a pensar nos modos de expressão do sensível provocando aproximações entre conceitos e modos de operar —mutirão e multitudo. Nesse estudo, além das contribuições de Ranciere (2009) com a compreensão apresentada em «A partilha do sensível», também encontramos em Chauí (2003) e seus estudos de Espinoza, conexões entre mutirão, afeto, amizade e multitudo.

> A união de corpos e mentes constitui um sujeito político coletivo, a «multitudo» (Espinosa, 1977, IV, VII e VIII), categoria política fundamental, pois, como afirma Espinosa, o desejo de resistência nasce do sentimento de indignação. Mas resistir não é só se indignar. O direito de derrubar a tirania depende da força para fazê-lo. Essa força, em situação de desmesura do poder, depende de uma potência de agir coletiva conquistada pela união de *conatus*, a qual, por sua vez, é favorecida quando a lógica dos afetos permite a percepção da amizade e da generosidade como algo útil (Chauí, 2003: 250).

4.2. Pesquisorama

Vídeo-relato/vídeo-análise das In(ter)venções em Audiovisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre —este foi um vídeo produzido eeditado por Pedro Craidy, mestre em Psicologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, e colaborador da pesquisa. A partir de fotografias e filmagens pontuais de atividades do coletivo pesquisador em rodas de conversa e encontros da pesquisa, em Porto Alegre, Pedro fez uma composição de imagens e sonoridades,

na perspectiva de um exercício com o *sampler*, tendo como proposta instigar a conversa oferecendo visibilidade para o processo e percurso da pesquisa. Este vídeo foi apresentado em uma roda de conversa, cuja proposta era discutirmos alguns temas articuladores da pesquisa.

O vídeo editado teve um recorte histórico, narrando memórias construídas em determinados momentos da pesquisa, mas ao mesmo tempo, ao demarcar trajetos, sem uma cronologia, produziu durante sua exposição e análise algumas perguntas analisadoras do coletivo pesquisador e das estratégias de pesquisa. Não se trata de evocar lembranças, mas criar espaços de análise que problematizem fazeres e saberes. Talvez a noção de imagem-tempo, proposta por Deleuze (2005)expresse bem o modo como o vídeo pode operar como dispositivo analisador, por seu grau de abertura para produção de sentidos; para rupturas nos modos de olhar, escutar e pensar; pelos movimentos e deslocamentos que pode acionar. Para Deleuze (2005: 323), a imagem-tempo rompe com a noção de movimento que se produz na sucessão de imagens ou na montagem de cenas, ou na imagem-ação, para inverter a relação tempo movimento, constituindo imagens óticas e sonoras que visibilizam um movimento«aberrante», efeito de um tempo intensivo, em que o passado se atualiza no presente em devir.

Inconclusões —pistas e rastros em cartografias audiovisuais com juventudes

O audiovisual na perspectiva da arte e da comunicação vem assumindo um lugar de destaque, no cenário sociocultural e político brasileiro, agindo, inclusive, como intercessor na criação de outras expressões de visibilidade humana e social. Desse modo, observamos as in(ter)venções audiovisuais como práticas micropolíticas configuradas por agenciamentos coletivos que alimentam e são alimentados pelo cenário comunicacional, artístico, comunitário e juvenil.

Na pesquisa em processo, constatamos a relevância das experiências com o vídeo como dispositivo analisador da pesquisa in(ter)venção com juventudes, bem como as expressões audiovisuais criadas por jovens, artistas, ativistas e pesquisadores, em especial, por incitarem o pensar a ética e a estética nas práticas políticas, comunicacionais e artísticas, na contemporaneidade.

Ao cartografar, analisar e fazer circular produções audiovisuais que tratam de visibilizar modos de viver e habitar a comunidade e a universidade constata-se a presença de intercessores mobilizados e mobili-

zadores de afetos, fazeres e saberes científicos e comunitários, artísticos e comunicacionais incidindo e fazendo emergir expressões do sensível e práticas micropolíticas (Gorczevski, Gomes, Soares e Abreu. 2012).

Nas análises realizadas com o coletivo de pesquisa, em Fortaleza - no processo de escrita do Relatório do Edital PIBIC 2012-2013, citado anteriormente, foram apresentadas algumas pistas que apontam um crescente movimento de auto-organização e autogestão, considerando os processos de criação, produção e circulação dos produtos sonoros, visuais e audiovisuais dos jovens, impulsionados pelo desejo coletivo de se afirmarem como produtores e gestores audiovisuais, com questões e ideias próprias. Esse é o caso da formação do Coletivo Audiovisual do Titanzinho, que, tendo seus membros conhecimentos anteriores produzidos em experiências com projetos sociais e culturais, surge com a proposta de realizar produções autônomas, desvinculadas das conjeturas de projetos que, muitas vezes, direcionam a ação dos participantes e, ao serem concluídos, não oferecem possibilidades de continuidade das atividades. Além disso, o processo de criação audiovisual oferece aos envolvidos possibilidades de análise e observação de si e do ambiente onde vivem trazendo a tona modos de ser e habitar a comunidade, um exercício também propiciado pela distância oferecida durante a observação no momento de edição do material.

Com o vídeo, como dispositivo da pesquisa intervenção, propomos pensar nas composiçõesde Cartografias Audiovisuais com Juventudes considerando as narrativas do percurso da pesquisa. Um exercício de invenção de espaços de estudo, criação, produção, edição e circulação,trazendo como material de expressãoos diários de bordo, os diários audiovisuais e as proposições do *sampler*. Produção de séries de cartografias audiovisuais com as narrativas do encontro do fazer-saber do pesquisador com o exercício de observar e cartografar os percursos da pesquisa-intervenção em Fortaleza e Porto Alegre tendo como contribuições as pistas oferecidas por Kastrup (2008:468) ao atentar para «os efeitos de intervenção da pesquisa cartográfica em quatro níveis distintos: nos participantes, nos pesquisadores, no próprio rumo da pesquisa e no campo onde ela se insere».

As experiências com vídeo, por outro lado, exigem um cuidado ético na pesquisa e uma observação atenta ao que Rolnik (1989) chama de «delicadeza com a vida», respeitando-se as intensidades dos coletivos, as relações estabelecidas com as condições de visibilidade nas criações e produções com imagens e sonoridades.

Referências

Aguiar, Kátia e Rocha, Marisa Lopes da (2003): «Pesquisa-intervenção e produção de novas análises», *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, v. 23-4, pp.64-73.

Aguiar, Kátia e Rocha, Marisa Lopes da (2007): «Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise», en *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (4), pp. 648-663.

Aguiar, Lisiane Machado (2010): «As potencialidades do pensamento geográfico: acartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual», Trabalho publicado nos Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação —Caxias do Sul, RS. p.1-15.

Ardoino, Jacques (1987): «La Intervención: Imaginário de cambio o cambio de lo imaginário?», en: Guattari, F. et al. *La Intervención Institucional*, México: Plaza y Valdes, pp. 13-42.

Barros, Regina D.B. e Brasil, Vera V. (1992): «Cartografia de um trabalho socioanalítico», en: Rodrigues,H.; Leitão, M. B.; Barros, *R. Grupos e Instituições em Análise.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, pp. 228-248.

Bosi. Eclea. (1994): *Memória e Sociedade.* Lembranças de Velhos,3 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Chauí, Marilena (2003): *Política em Espinoza*, São Paulo: Companhia das Letras.

Deleuze, Gilles(1992): *Conversações*, Rio de Janeiro: Ed. 34.

_(2005): *A Imagem-Tempo*, São Paulo: Brasiliense.

_(1996): Mil Platôs —capitalismo e esquizofrenia, Rio de Janeiro: Ed. 34.V.3.

Escóssia, Liliana da; e Tedesco, Silvia. (2009): «O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica», em: *Pistas e Método da Cartografia: Pesquisa Intervenção e Produção de Subjetividade.* Passos, E.;Kastrup, V. e Escóssia, L., Porto Alegre: Sulina, pp.92-108.

Foucault, Michel. (1981):*Microfísica do poder*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

_(2003): «Mesa-redonda Estratégia, Poder-Saber», in: *Estratégia, Poder-Saber.* Ditos e Escritos IV. Organização e seleção de textos, Manoel Barros de Motta; tradução, Vera Lúcia Avelar Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 335-51.

Guattari, Félix; Rolnik, Suely (1986): *Micropolítica: cartografias do desejo*,Petrópolis:Vozes.

Gorczevski, Deisimer; Maraschin, Cleci; Chassot, Carolina. (2006): «Tecnologias audiovisuais em oficinas sócio-educativas». *Anais do* XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília:.Intercom, pp.1-15.

Gorczevski, Deisimer; Gomes, Maria Fabiola; Soares, Sabrina. K. A.; Abreu, Maria Evilene S. (2012). «O que podem as in(ter)venções audiovisuais das juventudes? Mobilizar afetos, fazeres e saberes científicos-comunitários». *Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Fortaleza: Intercom.pp. 1-15.

Gorczevski, Deisimer; Soares, Sabrina. K. A. (2012): «Imagens e sonoridades de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas». *Anais do Seminário Internacional Brasil & Portugal*: Jovens, Subjetividades e Novos Horizontes. Rio de Janeiro: CESAP, pp. 1-16.

Gorczevski, Deisimer; Soares, Sabrina. K. A.; Santos, Jéssica. B.; Gomes, Maria Fabiola (2012). «Experiências em pesquisa e intervenção audiovisual com jovens artistas-ativistas». *Anais do I Colóquio Internacional Diálogos Juvenis*: Diminuindo distâncias entre Narradores e Pesquisadores, Fortaleza: LAJUS. vol. 1, pp. 1-10.

Kastrup, Virgínia (2008): «O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção», en: Lúcia R. de Castro e Vera L. Besset. (Org.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*,1 ed. Rio de Janeiro: Nau, vol. 1, pp. 465-489.

Lourau, R. (1993): «Análise Institucional e Práticas de Pesquisa», en: Rodrigues, H.B.C. (org.), *René Lourau na UERJ*, Rio de Janeiro: UERJ.

Machado, Arlindo (2007): *Pré-cinemas & pós*-cinemas, Campinas: Papirus.

Passos, E.;Kastrup, V. e Escóssia, L. (2009): *Pistas e Método da Cartografia: Pesquisa Intervenção e Produção de Subjetividade*, Porto Alegre: Sulina.

Passos, Eduardo; Barros, Regina D. B (2000): «A construção do campo da clínica e o conceito de transdisciplinariedade», in: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol. 16, núm.1(jan.-abr).

Rancière, Jacques. (2005): *A Partilha do Sensível: Estética e Política* (trad. Monica Costa Netto), São Paulo:Exo experimental, Ed. 34.

Rolnik, Suely. (1989): *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, São Paulo: Estação Liberdade.

Rosário, Nísia. (2008): «Mitos e Cartografias: Novos Olhares metodológicos na Comunicação», em: Maldonado, E; Bonin, J.; Rosário. N.(Orgs.), *Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Desafios na pratica investigativa*, João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, pp. 195-220.

Santos, Jéssica Barbosa dos; Gorczevski, Deisimer (2013): *Relatório da Pesquisa In(ter)vençõesAudio-visuais das Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*, Edital PIBIC 2012-2013, Universidade Federal do Ceará(UFC).

Winkin, Yves. (1998): «Descer ao campo», em: Y. Winkin, *A nova Comunicação:* da teoria ao trabalho de campo, Campinas. SP: Papirus.